

Interculturalidade

Le monde me répugne même si je suis solidaire des hommes qu`y souffrent.

ALBERT CAMUS

A educação multi-intercultural é uma necessidade e uma exigência da sociedade actual.

É evidente e demasiado óbvio que o tema da interculturalidade/educação continua actual.

O mundo em que vivemos é cada vez mais complexo e multicultural. Um mundo em que as migrações são um fenómeno global, em que os grupos minoritários reclamam o direito à diferença, mas que, ao mesmo tempo, sofre das maleitas da homogeneização.

As sociedades estão, hoje, confrontados com novos desafios e problemas provocados, em boa medida, por aquilo que se designa por globalização. Acelerador das migrações humanas, a globalização acentua a necessidade de se aprofundar a reflexão sócio-antropológica em torno das questões étnicas e culturais.

É imperioso repensar o papel da Sociedade, do Estado e das instituições educativas e a acção dos educadores e dos professores neste contexto económico, social e político mais complexo, trespassado por desigualdades e exclusões dos mais variados tipos, nomeadamente as que se relacionam com a identidade e a diversidade.

Falamos da educação para os valores, para a paz, para a cidadania, para os direitos humanos e igualdade de oportunidades, para a tolerância e convivência, de educação anti-racista e anti-xenófoba, etc. - Educação multi-intercultural. Porém, no nosso dia-a-dia, somos, amiúde, confrontados com estereótipos e preconceitos, com manifestações de intolerância, marginalização, racismo, xenofobia nos mais variados espaços sociais.

Não obstante, como em tudo, é importante reconhecer que há maior sensibilidade para a integração estrutural dos diferentes grupos minoritários (étnicos, migrantes, culturais,...) na escola. Mas também sabemos que na sociedade não há uma preocupação efectiva com os problemas dos mais desfavorecidos e dos novos pobres e excluídos. A globalização económica, cega pela cultura do consumismo e individualismo, tem dificuldade em respeitar a natureza, a dignidade humana e as culturas contra-hegemónicas. E ao sacralizar o consumo, quebram-se os vínculos de cidadania e solidariedade, espalhando o medo, o terror e o ódio.

Perante este cenário, há que lutar com valentia cívica e vigilância crítica pelas convicções em que acreditamos: promover os direitos humanos e democratizar as sociedades para além do Estado-nação, numa perspectiva transnacional.

Frequentemente, a propósito dos modelos de educação multi-intercultural, pensamos nos contributos de John Dewey, já lá vão 50 anos, em relação à educação democrática. Citamos de memória: A educação como uma tarefa da sociedade e a sociedade como uma tarefa da educação. Este imperativo de ligar a educação à sociedade é fundamental. Alguém tem que fazer esta ponte. É que sem educação não há cidadão e a cidadania global não se constrói discriminando os grupos sociais subalternizados, violando os direitos políticos e civis, económicos e sociais, ambientais, todos eles interdependentes e a necessitarem de políticas que os legitimem.

Urge (re)inventar uma nova realidade política, económica, social e educativa. Esta refundação de uma nova ordem mundial, transformadora/emancipadora e não adaptadora, exige novas perspectivas críticas em educação que nos ajudem a encontrar respostas a questões como as que enunciamos: como encontrar um passado para o futuro, criando e reconstruindo tempos e espaços existenciais para unir e não dividir?

Como lutar contra as desigualdades sócio-económicas e as exclusões sócio-culturais, mostrando que outro mundo é possível?

Como encontrar coerências de sentido que conciliem a identidade com a diversidade, promovendo a educação para a cidadania e a cultura solidária?

Como desocultar factos, processos e discursos que nos impedem de aprender a viver juntos?

Este inventário de questões não é exaustivo, mas serve de pedra de toque para orientar a construção da cidadania intercultural que vimos defendendo: um processo partilhado que exige paz, segurança, habitação, igualdade, equidade, justiça, solidariedade, liberdade, responsabilidade. Uma viagem em direcção ao outro que só acontece quando aprendermos a gostar de nós e a superar as barreiras entre o "nós" e o "outro".